

O TIRO CIVIL

a caça, pesca, nautica, velocipedia, gymnastica, esgrima, tauromachia, etc., etc.

PROPRIETARIOS: — ANSELMO DE SOUZA e PALERMO DE FARIA

Publicações

Anuncios, 8.ª pagina cada linha....	20 réis
Comunicados.....	60 »
Reclamos.....	100 »
Na capa preço convencional	

Sexta-feira 1 de outubro de 1897

Assignaturas

Lisboa, 3 mezes.....	300 réis
Provincias, 6 mezes.....	500 »
Numero avulso.....	50 »
Paizes da união postal, anno.....	2.400 »

SUMMARIO

Uma carta, por UM ATIRADOR.—Nova metralhadora.—Regulamento de tiro na Allemanha e França.—Carreira de tiro.—Ernesto Vianna, por B. DE SÁ.—A memoria do cão, por B. DE SÁ.—Como o diabo as arma.—Desastres na caça.—Castor e Polux, por ERNESTO VIANNA.—Real Velo Club do Porto, por A. DE LEMOS.—Sport Club, por SAUTER JUNIOR.—Columbia Club.—Centenario da India.—Real Associação Naval.—Regata em Paço d'Arcos.—Regata em Cacilhas.—Revista quinzenal, por E. D'A.—Africa taurina.—Brazil taurino.—Nova praça de touros.—Jogo de Back e Half-back, por VALENTIM MACHADO.—Educação Nacional.—Revista Portugueza Colonial e Maritima.—Revista de Guimarães.

GRAVURAS

Real Velo Club do Porto.—Ernesto Vianna.—Emilio Segurado.

TIRO

Uma carta

RECEBEMOS d'um nosso amigo e assinante que muito apreciamos, a carta que se segue, e que esperamos não seja a ultima. O nosso amigo é um atirador de elite, e muito folgamos que elle nos ponha bem em evidencia, os costumes e os usos, praticados na bella Suissa, patria de atiradores, onde o nosso povo tanto tem que aprender.

Segue a carta:

Sr. Anselmo de Souza.

Director do periodico, *O Tiro Civil.*

EM primeiro lugar venho agradecer a v. o incommodo de mandar-me os jornaes da Suissa, jornaes que sempre são bem recebidos e lidos com todo o interesse de atirador.

Infelizmente até agora não encontrei n'elles artigos que possam interessar os atiradores portuguezes, e por isso mesmo não quiz massal-o com coisas de pouca ou nenhuma importancia.

Tudo que podia ter interesse para o atirador portuguez, que com tanto trabalho alimenta as suas carreiras para ellas lhe ficarem abertas, eram os concursos de tiro que se fazem annualmente na Suissa.

N'este anno de 1897 os concursos são os seguintes:

	Fr.
Tiro cantonal de Soleure em Oiten, 11 a 18 de julho. Premios	70.000
Tiro individual e de grupos em Urhkeim Aarau, 17 a 19 de julho.....	1.800
Tiro cantonal das duas Basileas em Sissach, 18 a 22 de julho	50.000
Tiro cantonal em Lichtensteig, S ^o Gall, 18 a 25 de julho....	50.000
Tiro cantonal de Berne em Berne, 27 a 28 de julho.....	150.000
Tiro do campo em Winterthur, Zurich 31 julho a 2 de agosto	10.000
Tiro individual e de grupos em Wigottingen, 22 23 e 29 de agosto.....	4.000
Tiros de Sociedades em Stans, 5 e 7 de setembro.....	3.000
Tiro extra donné par les exerci-	

ces de l'Arquebuse et de la Navigation, em Genebra;... Tiro grande de d'Escalade donné par les exercices de l'Arquebuse et de la Navigation, em Genebra..... Tiro cantonal d'Uri em Aldorf » » em Frauenfeld, Thurgovie..... Tiro cantonal de sociedades em Lausanne, Vaud..... Tiro cantonal de sociedades em Budry, Neuchâtel..... Tiro districtal em Murg (ao lago de Wallenstadt)..... Tiro cantonal de campo em Zug.

(Este cantão é o mais pequeno mas conta 13 sociedade de tiro com 12.000 atiradores activos.)

V. já entrou em muitissimas discussões sobre «desenvolvimento do gosto pelo tiro» e muitos escriptores tem discutido este ponto de frequencia da carreira. No verão, dizem uns o calor é insupportavel e que a gente vae as touradas, no inverno, dizem os que escrevem n'esta epoca que o tempo está muito frio e que com a chuva não se pode ir á carreira. No verão, como nas touradas, ha sol e sombra, e no inverno a carreira não tem fogões como as casas tambem os não tem. Na Suissa as carreiras estão nas mesmas condições que aqui, só com a differença de serem ellas mais frequentadas do que em Portugal.

Qual será então a razão d'estas discussões sobre a má frequencia?

Não lh'a digo porque, tambem como eu todos conhecem perfeitamente as aguas em que pescam.

Na Suissa todo o cidadão comprehende bem a bella diviza — «um por todos e todos por um.»

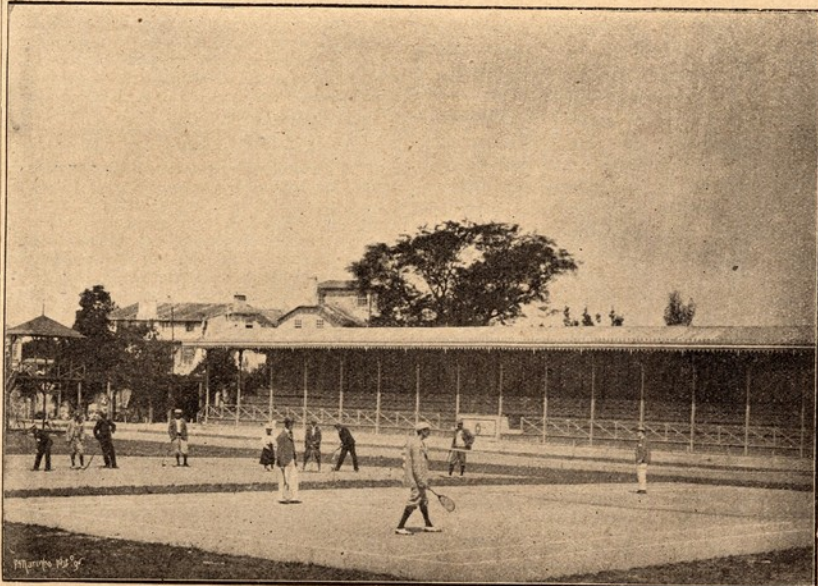
A França, a Allemanha, a Italia, a Austria etc., tem a convicção de que se o paiz estiver em perigo de ser atacado por inimigo, que o atirador civil pode prestar serviços incalculaveis á sua patria, e, por isso, o atirador civil recebe todas as vantagens que o seu paiz pode offerecer-lhe.

Estes paizes não fazem só concursos nacionaes, mas tambem internacionaes, e com condições especialmente favoraveis aos estrangeiros. Na Suissa o concurso nacional não é um certamen internacional mas todos os paizes estrangeiros são convidados. Grande é o numero de estrangeiros que a elles concorrem.

— Lá não dizem que não precisam do estrangeiro como costumam dizer aqui; pelo contrario convidam o estrangeiro para ver o que elle sabe e para saber em que altura elle está.

Digam-me só uma coisa por que lá na Suissa o principal elemento nas carreiras é o militar e não os que não são militares e aqui raras vezes se vê um militar, e notem, os poucos d'estes que apparecem são officiaes e não subalternos, como deviam ser.

Na Suissa o soldado tem obrigação de dar cada anno um certo numero de tiros. Estes tiros são inscriptos no seu livro de tiro que é submettido para a verificação ao commandante do seu regimento. O individuo que deixar de cumprir esta obrigação é castigado com 3 dias de serviço. A remuneração d'esta obrigação é a seguinte. De 50 % dos tiros acertados para cima os atiradores recebem a despeza feita com cartuchos e um premio pecuniario conforme a percentagem. Quem ti-



Real Velo Club do Porto
Velodromo «Maria Amelia», a pelouse

ver a percentagem abaixo de 50% não recebe nada. D'esta maneira o individuo é obrigado a uma certa applicação e o paiz mantém bons atiradores com pouca ou nenhuma despeza. Não seria isto um exemplo a seguir?

O nosso (permitta-me que lhe chame assim), sr. Palermo de Faria, assim como outros mais que eu conheço, tem feito já bastante para o levantamento do tiro civil, e seria bom de não só ouvil-os falar e ler os excellentes artigos que escrevem, mas realisar os desejos a estes meritissimos propagandistas do tiro nacional.

Para voltar ao que diz respeito ao concurso, a Suissa não é só conhecida pelos concursos de tiro, e muito pouco a conhece quem pensa que lá se fazem só aquellos concursos e que o suíço só se dedica ao tiro. Meu amigo, engana-se, queria que alguém fosse vêr os concursos de gymnastica e ouvir os concursos de canto e de musica etc. Para não massal'o muito mais vou dar-lhe só alguns apontamentos sobre o concurso federal de gymnastica que teve lugar em Schaffhouse em 24 e 26 de julho d'este anno.

Para este concurso inscreveram-se 5.600 gymnastas. Das sociedades inscriptas eram 245 suissas e 40 estrangeiras. Nos concursos entre sociedades tomavam parte as seguintes sociedades estrangeiras: da Allemanha, as de Colmar, Mulhouse e Gebweiler —; da Italia; duas sociedades de Genova e tres de Milão —; da França onze sociedades —; da Baviera as de Constance e Lindau, e finalmente a sociedade de Pittsburg da America.

No cortejo tomavam parte cerca de 5.000 gymnastas com 250 bandeiras. O grande banquete teve de ser servido em duas partes porque a cantina não dava lugar aos 8.500 commensaes. Muitissimo festejados foram os estrangeiros.

No dia 25 de julho ás 7 horas da manhã formou-se o cortejo que seguiu para o lugar destinado aos exercicios. A entrada dos 4.800 gymnastas activos, levou 40 minutos.

O clou da festa, ou do concurso era o numero programma obrigatorio, só para os 4.500 gymnastas suissos, que todos a um tempo deviam executar terminando no mesmo momento.

O Presidente dos gymnastas allemães o sr. dr. Ferd. Goetz de Leipzig brindou em nome d'aquelles aos gymnastas suissos, pela magnificencia dos seus trabalhos e em calorosas palavras expressou os sentimentos da mais alta consideração para os gymnastas suissos.

A festa ou o concurso federal de gymnastica tem lugar de 3 em 3 annos e para 1.900 já é disputado por tres cidades que são Zurich, Bern e Chaux de Fonds.

A sociedade de soccorros dos gymnastas suissos compõe-se de 388 secções ou sociedades parciaes, com o total de 8.430 membros.

Não peço a incerção d'esta comunicação, são apenas alguns dados do que se passa lá fóra que v. me pediu já ha tempos.

Com a mais alta consideração sou

De v.

UM ATIRADOR.

Nova metralhadora

UM jornal austriaco annuncia que o bem conhecido fabricante d'armas Mauser, inventor das espingardas e metralhadoras que tem o seu nome, acaba de inventar uma nova metralhadora que se carrega e dispara automaticamente.

A nova metralhadora automatica Mauser, a qual foi esperimentada obtendo grande exito, é de tres modelos. O primeiro de calibre 6 permite atirar 60 ou 70 tiros por minuto. O segundo de calibre 10, dispara 80 tiros e a terceira de calibre 20, dispara 90 tiros.

A metralhadora de calibre 10, póde ser facilmente transportada e manobrada por um só atirheiro.

Regulamento de tiro na Allemanha e França

O regulamento de manobras da infantaria alemã, tratando do fogo da infantaria, exprime-se da maneira seguinte:

O combate de infantaria decide-se geralmente pelo fogo que attinge o seu maximo na ordem dispersa. No combate de infantaria contra infantaria, o exito depende, independente dos factores moraes, da superioridade adquirida pela concentração do fogo das linhas estendidas pelos pontos decisivos; e pertencerá decerto ao adversario que possuir melhor instrução de tiro, mais severa disciplina do fogo e mais eficaz direcção.

Vamos vêr os meios que os allemães empregam para assegurar a superioridade do fogo no combate, estudando rapidamente o seu methodo de instrução.

O tiro ao alvo é considerado na Allemanha como o ramo mais importante da instrução do infante: é objecto de cuidados constantes e de particularissima attenção da parte do commando nas diversas inspecções. Como o tiro a pequenas distancias é considerado o mais instructivo e o que permite attingir maior desenvolvimento e dextreza no tiro; quasi todos os tiros ao alvo se executam pelas duas classes de atiradores a pequenas distancias; os tiros a 400, 500 e 600 metros só tomam uma sessão. Porfia-se em collocar os homens nas melhores condições para atirar. Assim, o regulamento prohibe da maneira mais formal conduzir os atiradores ao alvo quando as circumstancias atmosfericas são desfavoraveis.

Os soldados só atiram a um por um em presença do capitão ou d'um official da companhia; e para lhes evitar a permanencia prolongada no campo do tiro, organisam-se destacamentos de doze homens o maximo, queimando apenas seis cartuchos em cada sessão.

A preocupação constante consiste em formar excellentes atiradores até 600 metros. Ao tiro de escola, que occupa a maioria das sessões do anno, segue-se o tiro de combate cujo fim é dar aos homens uma ideia das condições em que se executa o tiro de guerra, isto é, em terreno variado e a distancias desconhecidas.

Divide-se em tiro individual e tiro colectivo. No tiro de combate individual o soldado aprende a fazer uso da sua arma em condições e contra os objectivos que se apresentam em campanha. Faz fogo a pé firme contra alvos apparecendo successivamente a diversas distancias, ou então, muda de lugar avançando ou recuando.

O tiro de combate colectivo é precedido de exercicios preparatorios que se executam em terreno variado com cartuchos desembalados; n'estes exercicios que se realisam primeiro por filas, e depois em grupos, ensinam-se ao atirador o systema a seguir na offensiva e na defensiva; habitua-se ao emprego da alça, á pontaria, a passar rapidamente de um ponto a outro ganhando sempre terreno. Os objectivos são figurados por subdivisões que devem mover-se, dissimular-se, e desaparecer segundo signaes convençionados. Aos exercicios em grupos succedem os exercicios em meio pelotão, pelotão e companhia em pé de guerra. Os exercicios collectivos com bala fazem-se de maneira analogia sendo os alvos moveis e de eclipse.

E' nos tiros de combate que os officiaes adquirem as qualidades necessarias para a direcção do fogo: o discernimento tactico; habilidade na apreciação das distancias, observação dos tiros, conhecimento do valor do terreno e noção do rendimento da arma.

E'ahi tambem que os soldados se habituaem á disciplina do fogo, e esse habito deve alcançar-se com minucioso cuidado, pois que o fogo de atiradores é considerado na Allemanha como o fogo ordinario em combate, e só incutindo ao soldado, em tempo de paz, uma disciplina vigorosa no fogo se poderá conseguir manter a serenidade em ordem dispersa durante quasi todas as phases do combate.

A Allemanha ligou sempre grande importancia aos tiros de combate; a adopção da carabina Mauser e os progressos realisados na instrução do tiro da infantaria e no estudo dos seus effectos imprimiram a este ramo da instrução uma importancia notavel, utilisando-se os polygonos que já serviam para a artilheria.

O emprego do modelo de 1888 fez reconhecer,

depois de accidentes resultantes do maior alcance das balas, a necessidade de ter para esses tiros terrenos mais vastos, e por isso a administração militar allemã desde 1891 que se empenhou em appropriar em cada corpo de exercito extensas esplanadas para manobras, (Truppe Uebungs Platze) afim de ser possível executar os tiros de combate da infantaria e da artilheria, isolada e conjunctamente.

No fim de 1897 estarão providos com esplanada de manobras quatorze corpos do exercito, sendo provavel que dentro de poucos annos cada corpo chegue a possuir a sua.

O numero sempre crescente d'essas praças de manobras, a sua extensão que permite o tiro da infantaria e da artilheria em muitas direcções, mostram a importancia que os allemães ligam ao tiro de combate.

*
*
*

Em França a instrução do tiro merece tambem grandes cuidados e a applicação do regulamento de 22 de maio de 1895 permittiu alcançar verdadeiros progressos. Infelizmente os meios de execução não correspondem sempre ás prescripções do regulamento. Assim os campos de tiro são por vezes insufficientes como dimensões. Em muitas praças o campo de tiro é commum aos corpos da guarnição e os regimentos nem sempre o têm á sua disposição: E' necessario então alvejar, seja qual fór o tempo, e as companhias permanecem muitas vezes indefinidamente no terreno. Que admira, pois, que os soldados não dediquem ao tiro todo o cuidado indispensavel deixando os resultados muito a desejar.

Para que a instrução do tiro seja feita com o necessario cuidado obtendo progressos effectivos será necessario, como judiciosamente declarou o general Philebert «que cada capitão possa conduzir os seus soldados ao terreno, queimando ahi em perfeita liberdade os cartuchos que entender necessario.»

E' indispensavel, portanto, que cada regimento possua um campo de tiro de dimensões sufficientes e do qual possa dispor livremente. Acontece o mesmo com os tiros de combate, os quaes exigem terrenos vastos e accidentados que permitam atirar sem perigo em diversas direcções, fazer valer a disposição do terreno e o aspecto dos objectivos com o desenvolvimento d'uma acção conduzida por uma companhia e um batalhão. Ora estes terrenos só existem nos campos de instrução, aláz pouco numerosos em França, sendo por isso dispendiosos os movimentos das tropas e enorme a perda de tempo resultante.

Para que esta parte tão essencial da instrução dos officiaes e da tropa se faça com o desenvolvimento e cuidados que merece seria necessario cada corpo do exercito ter um terreno de manobras para executar os tiros de combate em condições semelhantes ás da guerra; isto é, em que se possa fazer fogo em muitas direcções e onde haja formas de terreno variadas para executar, sem esperar pelas manobras de outomno, as manobras de regimento, de brigada e mesmo de divisão o que, por assim dizer, nunca se executa em França.

A aquisição d'estes terrenos originaria decerto grandes despezas; mas pode porventura o paiz recuar perante esses gastos quando se trata de desenvolver e completar a instrução do exercito sob os pontos de vista da guerra, e principalmente quando se observa o que fazem os nossos visinhos dos Vosges e se consideram os notaveis resultados obtidos?

(Da Françe Militair.)

Carreira de tiro

Alvos a 100^m normal, 200^m normal, figura de joelhos, e repetição; 300^m, circular e normal. Arma Kropatscheck 8^{mm}/m 1886.

Domingo 12 de setembro

	Disp.	Acert.
Alvo a 100 ^m , normal.....	20	16
> > 200 ^m , normal.....	30	22
> > 200 ^m , fig. de joelhos....	120	58
> > 200 ^m , repetição.....	90	58
> > 300 ^m , normal.....	220	156
Total....	480	310

Frequentaram a carreira 15 atiradores. Matricularam-se de novo na os srs. Joaquim Antunes da Silveira, de 40 annos, natural de Alvaizere, commerciante; Antonio Correia Marques, de 22 annos, natural de Guimarães, empregado no commercio.

Domingo 19 de setembro

	Diap.	Acert.
Alvo a 100 ^m , normal.....	70	53
» » 200 ^m , normal.....	10	10
» » 200 ^m , fig. de joelhos....	80	46
» » 200 ^m , repetição.....	90	79
» » 300 ^m , normal.....	200	148
Total.....	450	336

Frequentaram a carreira 20 atiradores. Matricularam-se de novo os srs. Manoel Fernandes dos Santos, de 25 annos, natural de Bucellas, empregado no commercio; Fernando de Oliveira, de 18 annos, natural de Figueiró dos Vinhos, caixeiro; João Pinto, de 34 annos, natural de Coimbra.

**

As percentagens d'estas duas secções são verdadeiramente notaveis, e provam mais uma vez, que, se não possuimos atiradores em quantidade, pelo menos em qualidade são de primeira ordem.

No dia 12, no alvo de *figura de joelhos* o sr. Ligorio da Silva, fez uma serie de 9 tiros em 10; o sr. João P. Fernandes, uma de 8 em 10 e o sr. Alfredo Lopes de Azevedo, uma serie completa de 10 tiros.

No alvo de 200^m, *repetição*, os srs. Hermann, uma serie de 6 tiros em 10 e outra de 9 tiros; Gonçalo Heitor Ferreira, uma serie de 9 tiros; Kesselring, uma serie de 6 e outra de 7 tiros; Antonio Gonçalves Santiago, uma serie de 7 tiros; João Ivens Ferraz, uma serie de 6 tiros.

No alvo a 300^m, *normal* os srs. Alfredo Lopes de Azevedo, uma serie de 10 tiros completa; Ivens Ferraz, idem; Gonçalo Heitor Ferreira, idem; Ligorio da Silva, idem; Kesselring idem; Hermann, uma serie de 9 tiros; João Pedro Fernandes, idem; Antonio da Silva, idem; Julio Augusto Mourão, idem.

No dia 19, no alvo a 200^m, *figura de joelhos*, os srs. Ligorio da Silva, uma serie de 8 tiros em 10; Ivens Ferraz, uma serie de 7 tiros e outra de 6; Manoel Formozinho, uma serie de 7 tiros; Agostinho Manoel de Souza, uma serie de 6 tiros.

No alvo a 200^m, *repetição*, Antonio Gonçalves Santiago, uma serie completa de 10 tiros; Gonçalo H. Ferreira, uma serie de 9 tiros, Hermann, idem; Ivens Ferraz, tres series de 8 e uma de 7 tiros; Ligorio da Silva uma de 8 tiros.

No alvo a 300^m, *normal* E. Kesselring, duas series completas de 10 tiros; Gonçalo H. Ferreira, uma serie de 10 tiros completa; Ivens Ferraz, uma de 10 e outra de 9 tiros; Manoel Formozinho, uma de 9 tiros; Ligorio da Silva, idem; Hermann, duas de 8 tiros; Agostinho M. de Souza, uma de 8 tiros e Antonio G. Santiago, idem.

Por estes Algarismos se vê que não exageramos quando dizemos que são poucos mas de primeira ordem.

**

Com respeito a concurso official nada sabemos, e pelo silencio que reina em toda a linha, parece-nos que não é este anno que elle se realiza conforme nos haviam certificado.

Afigura-se-nos não ser o meio mais proficuo de animar a frequencia á carreira e o amor ao tiro nacional.

**

Que noticias haverá dos trabalhos para a realisação do concurso nacional ou internacional, por occasião do centenário da India? Parece-nos que já era tempo de fazer alguma couza; quando se reunirá a commissão especial encarregada d'esta parte do programma, não sabemos.

Devemos dizer comtudo, e em abono de verdade, que tambem desanimámos um pouco, quando vimos no orçamento detalhado, que acompanhava o programma official, a verba de 1.000\$000 réis para o concurso de tiro e 10.000\$000 réis para uma tourada!

Como todas as couzas verdadeiramente uteis, o tiro nacional, n'este paiz, não encontra senão difficuldades e más vontades, esta é que é a triste verdade.

**

Já se acha entre nós, de volta da Africa Occidental, o nosso amigo, assignante e distincto atirador civil o sr. João Ivens Ferraz.

Felicitamos o nosso amigo pelo seu feliz regresso á patria.



CAÇA

Ernesto Vianna

Homenagem do TIRO CIVIL

TENHO-ME referido, por vezes, de passagem, no *Tiro Civil*, a este meu dilecto amigo, que tenho apresentado como caçador distincto e não menos distincto litterato. Hoje, na qualidade de collaborador meão d'este jornal, apresento-o retratado, certo de que terão prazer em conhecer a sua effigie aquelles que o não conhecem pessoalmente.

As suas excellentes qualidades e aptidões de nomeada, não necessitam do meu pregão, por isso que são redundantemente conhecidas; além d'isso, não me permite a indole d'este jornal que eu me alongue em considerações a seu respeito, nem eu posso, por falta de competencia, dizer d'elle, sequer, o imprescindível; duas palavras, apenas, se lhe referirão, por consequente, só as estritamente indispensaveis para acompanhar o seu retrato e fazer a sua apresentação definitiva. E como sei que isto mesmo agradará mais á honestidade do meu affectuoso amigo, não me ficarão a pesar tanto na minha consciencia os remorsos de me ter mettido a taralhão.

Deixemol-o soegado, portanto, no santuario da familia, que elle adora extremamente, e no seu gabinete de trabalhos commerciaes, a que elle se entrega com toda a sua energia e maior sinceridade; deixemol-o, tambem, em paz, no seu atelier de desenhista, entretido em produzir trabalhos que lhe tem merecido o elogio jornalístico; deixemol-o, finalmente, embebido em trinta mil coisas uteis, que com outras não perde elle o precioso tempo, e gastemos essas duas palavras, que precisamos escrever ácerca do talentoso e bemquisto Ernesto, em fallar d'elle, tão sómente, como caçador.

Elogiando-o como poeta e prosador emerito, teem-se-lhe dirigido Alves Mendes, Thomaz Ribeiro e outros, como estes, brilhantísimos escriptores; e quando, por occasião da ultima reforma das pautas aduaneiras, escreveu no *Commercio do Porto* uns artigos ácerca do projecto da reforma a que alludo, gabou-os o sr. Marianno de Carvalho. E em tamanha conta foram tomadas as ponderações apresentadas n'esses artigos esplendidos, que a commissão do projecto de pautas, da qual fazia parte o sr. Marianno, desde logo as aceitou integralmente.

Mas não prosigamos, como é neces-

sario, dizendo d'Ernesto Vianna coisas que não se harmonisam bem com os fins d'este jornal; cumramos o que acima promettemos.

Ernesto Vianna é socio installador do Club dos Caçadores do Porto e foi, durante uns poucos d'annos, director-secretario do mesmo club, ganhando-lhe os seus serviços em favor dos seus consocios o diploma de socio honorario; hoje, é o presidente da commissão de contas e amanhã estou a vêr chamal-o outra vez ao desempenho d'outro cargo que lhe está muito a caracter e que o Club necessita que elle exerça.

Por amor ás coisas venatorias, Ernesto Vianna entrou, commigo, na fundação do extincto jornal *A Caça*, no qual collaboramos ambos, e é, como eu, dos pouquissimos caçadores portuenses que pertencem á «Associação dos Caçadores Portuguezes,» de Lisboa.

Dos caçadores de primeira plana, o meu caro Ernesto forma na primeira fila: é exímio caçador no monte e exímio caçador no campo; mas, no que elle leva a palma a todos os seus confrades é na caça da codorniz, para que parece ter vindo de proposito a este mundo.

A sua paixão por esta caça é d'uma doidade inexplicavel; por isso tem tido annos em que a sua invejavel pontaria e o seu bello systema de caçar lhe tem offerecido á morte para cima de 600 codornizes.

Ainda ha pouco, o insigne caçador chegou d'uma caçada na Gollegã, para que foi convidado pelo sr. dr. Alberto Navarro.

Eram-lhe desconhecidos os terrenos e os seus cães não estavam habituados a caçar nos tomates; pois o Ernesto pegou em 53 codornizes, tendo pegado em 51 tres caçadores seus companheiros que não são más espingardas: quer dizer, o Ernesto, á sua parte, matou tantas como os outros tres.

Innumeros factos como este podia contar aos leitores d'*O Tiro Civil*, se fosse maior o espaço ás minhas ordens n'este numero; limito-me, por isso, a contar sómente um, succedido ha pouco, em 18 e 19 de setembro findo, em Estarreja, aonde, no ultimo dia, me encontrei, á meza, com o heroe do caso.

N'aquelles dias soprou sempre um norte rijo, diabolico, que, estorvando cães e caçadores, não deixava cuvir vooar as codornizes, aos cães cheirava muito pouco, por estar a terra resequida, e os rastros perdiam-nos elles facilmente, quando não caçavam contra o vento; as codornizes sahiam mal, muito peor do que narcejas, errando-se, por consequente, uns tiro-sitos. Todos os caçadores se apresentaram na hospedaria, mais cedo do que a hora do costume, lastimando-se; fraquissimas caçadas tinham feito—uma desgraça, mesmo. O Ernesto, porém, em vez de prantejar-se, recebia uma ovação dos seus amigos; o Ernesto tinha pegado nos dois dias em 71 codornizes.

Quem apanhasse aquelle temporal de vento e caçasse, como eu, n'aquelles desabrigados sitios, havia de chamar forçosamente estupenda á caçada do Ernesto.

Do nosso photographado eu tinha muito que dizer ainda e por muito que dissesse mais ficaria por dizer, mesmo sem me desviar da sua biographia venatoria, que é interessante e diffusissima; mas, pelas razões a principio apresentadas, tenho de me quedar por aqui com bastante pesar meu.

Que seja para mim benevolo o meu amigo Ernesto; os laços d'amizade que nos ligam, já com cabellos brancos mas

vigorosos ainda, e inassolaveis, não me deixaram que outro se encarregasse, com melhor sufficiencia do que a minha, de trazer estes simples e pequeninos dados biographicos, a que a minha pobre penna não soube dar o brilho que justo era que tivessem.

Porto, setembro de 97.

B. DE SÁ.



Ernesto Vianna

Distincto escriptor, caçador e um dos fundadores do Club dos Caçadores do Porto

A memoria do cão

Não ha ninguem que não saiba quanto o cão é intelligente; mas da sua boa memoria nem todos têm ouvido fallar. Poderiamos citar d'ella um sem numero de factos, sem para isso remontarmos ao cão do sabio Ulysses; por agora, apenas contaremos um de data muito recente.

M. A., agricultor em Seine-et-Marne e grande caçador, possui um casal de brancos rabões, d'uma intelligencia que não é nada vulgar. A cadella, sobretudo, é verdadeiramente notavel; de narizes menos apurados do que os de seu companheiro, dá, todavia, com mais caça do que elle, graças á sua grande astucia. Em batida, conserva-se impassivel, sentada ao lado de seu amo. Os coelhos rolam, os faisões cahem e debatem-se a alguns passos sem que ella se inquiete, sem que ella arrede um passo de junto de seu amo; observa, porém, attentamente, a queda das victimas, retém facilmente na memoria o lugar onde ellas cahem e, terminada a batida, lá vae buscar peça por peça, sem a menor hesitação, e entrega-as todas ao caçador sem se esquecer d'uma só.

Durante a ultima estação de caça, n'uma batida em Sablonnière, perto de Melun, mantinha-se, na forma do costume, ao lado de seu amo. Um coelho que corria apressadamente enovella ao tiro do caçador, mas tem ainda a força necessaria para se arrastar até uma mouta d'estevas. Simultaneamente, e emquanto que M. A. introduzia um cartucho na espingarda, salta a linha uma cabra formidavel.

M. A. fecha a espingarda repentinamente e manda ao soberbo animal um tiro atrapalhado que o vae ferir mui gravemente. Receando perder tão bella peça, lança-lhe a cadella que a attinge e estranquila depois d'uma lucta prolongada.

Acabada a batida, M. A., que tinha ouvido gritar a cabra, vê-se em face da cadella e da sua victima, sendo esta posta ás costas dos batedores. Os companheiros de

caça chegam, felicitam o feliz atirador e encaminham-se para outro sitio.

Ninguem se lembrava do coelho.

Estavam já a uns 300 metros do logar que M. A. acabava de deixar, quando a cadella, tomada d'uma ideia subita, larga a correr, surda á voz de chamada de seu amo.

Dois minutos depois, voltava triumphante, trazendo na bocca o coelho esquecido.

Receberam-na com uma salva de bravos, bem merecida, como hão de convir os leitores d'este caso interessante.

Porto, 24-9-97.

Trad. por

B. DE SÁ.

Como o diabo as arma

HA poucos dias deu-se um caso, do qual garantimos a veracidade, e que é uma lição para todos os caçadores, especialmente aos menos cautelozos.

Alguns amigos resolveram ir ás rolas; do grupo destacara n-se do's, que seguiram só á beira d'um valado, cada um tinha morto uma rola e... nada mais; por isso, já meio arreliados, a alturas tantas, resolveram almoçar.

Redes fóra, farnéis em terra, e cil-os promptos para se desferrarem da falta de rolas, fazendo honra ao petisco que lhes desafiava o appetite.

Quando começavam a comer, um dos dois, aponta ao collega, uma ramalhuda oliveira, o outro olha e diz:

— Ali está rola ou milhafre, vejo moverem-se alguns ramos.

— Também assim me parece, e mesmo sem vêr, vou foral-o.

Em seguida, mette a espingarda á cara, aponta, e... truz.

Acto continuo os dois caçadores ouvem uma voz, entre lastimosa e irritada, gritar:

— Oh! seu caçador! Veja lá para onde atira, com seiscentos diabos!

Pode avaliar-se da estupefacção de que os dois ficam possuidos; na oliveira estava um homem, e só por um milagre, não foi tombado com o tiro! Perplexos, quasi sem forças para tomarem conhecimento do que tinha acontecido, dirigem-se á oliveira, e veem descer um homem; era o guarda da herdade.

Tornados a si do enorme susto, interrogam o sujeito:

— Que diabo estava você fazendo ali?

— O que fazia? Apanhava uma mão cheia de azeitonas, disseram-me...

— Não queremos saber o que lhe disseram, o que queremos é vêr se você está ferido.

— Aqui, no hombro, sinto qualquer coisa, e no braço esquerdo tambem.

Felizmente, o homem só tinha sido atingido por alguns bagos de chumbo, que, por fortuna, era n.º 7, e que tinha sido em grande parte inutilisado pela rama espessa da arvore.

Os nossos caçadores, já em si do susto, começavam a acreditar que em logar da timida rola ou do milhafre atrevido, tinham atirado a um melro, mas d'esta duvida os tirou o homem, dizendo-lhes que era o guarda conhecido pelo Foca.

A parte a extravagancia de atirar a focas em cima d'uma oliveira, vejam que leição tão severa para não tornarem a fazer fogo, seja para onde fôr, sem primeiro vêr a que atiram.

Todos os dias se estão dando desgraças, e a imprudencia d'uns, por um lado, e o desleixo e a inexperiencia d'outros, são sempre os factores que as produzem.

Cuidado, e muito cuidado, é o que recomendamos a todos.

Desastres na caça

EM 19 do mez passado, andando dois rapazes de nome José Bravo e José Belindorro á caça na Charneca de Alpiarça, disparou-se involuntariamente a espingarda do Bravo, por forma que o pobre Belindorro, morreu instantaneamente.

Os dois amigos são d'aquella localidade, causando o facto profundo desgosto na população. O Bravo deu entrada na cadeia

Com armas de fogo toda a cautella é pouca. — No dia 22 do mez passado, á noite, no Arco do Norte, em Estarreja, por uma qualquer imprudencia desfechou-se uma espingarda em ca-

za de Antonio Gaspar, sapateiro, matando instantaneamente a esposa d'aquelle senhor.

O tiro foi á queima, roupa entrando os projectis no peito da infeliz que amamentava um filhinho que ficou gravemente ferido n'um braço.

Temos por vezes, ao dar taes noticias, feito sentir que muitas d'estas desgraças são filhas do pouco cuidado. N'este numero damos diversas e com toda a certeza a imprudencia deve ter tomado parte em algumas d'ellas.

— No dia 28 do mez passado, na praia da Junqueira, dois imprudentes caçadores que se entretinham em atirar ás gaivotas, tiveram o pouco senso de entregar uma das espingardas a um pequeno, de nome João Filipe. Este pegou-lhe com tão pouco geito que a arma disparou-se, atravessando-lhe a mão direita toda a carga.

O pequeno foi para o hospital; aos caçadores crêmos que nada lhe aconteceu; mas poderemos nós chamar caçadores a dois desastrados, que entregam uma arma carregada, e provavelmente engatilhada, a uma criança?

Todos os dias registamos factos d'estes, mas parece que não ha emenda.

Diz o nosso estimado collega *Estrella Povoense*, da Povoia de Varzim, de 26 de setembro:

Pôde considerar-se terminada a caça das cormorizes n'este concelho. Os milhos temporários já estão todos cortados e dos serodios ha apenas, de longe em longe, um ou outro campo d'este milho.

SECÇÃO LITTERARIA

Castor e Pollux

(Alexandre Dumas, Pae)

No anno seguinte, fui-me ter com o sr. Bertram, muito esperançado em que, em virtude das excellentes relações que sempre tinham existido entre nós, e, graças a algumas peças de caça que lhe mandára de presente durante o periodo venatorio, facil me seria obter as mesmas condições do anno preterito.



Emilio Segurado

Distincto cyclist

Enganava-me redondamente.

O aluguel do terreno fôra elevado ao dobro. Os meios de que dispunha não me permittiam ir tão longe e deliberei, portanto, ir caçar nas propriedades d'um amigo meu, na Normandia.

O seu solar ficava a algumas leguas de Bernay.

Elle veio ao nosso encontro a cavallo, acompanhado de dous formosos galgos que eu lhe tinha dado.

— Ah! ora faça o favor de olhar para o sr. Ernesto, meu patrão—exclamou o Miguel, mal o viu—e reparar como elle se parece com a rainha de Inglaterra!

Effectivamente, o Miguel tinha no quarto uma gravura, copia de um quadro de Dreux, que representava a rainha de Inglaterra montada n'um cavallo preto e acompanhada de dous galgos brancos.

Contei a Ernesto a parecença que lhe encontrava o Miguel com a rainha da Gran-Bretanha, o que sobremaneira o li-senjou.

Esses dous galgos, cuja educação tinha custado muitos e muitos cuidados a Ernesto, e que bem educados estavam, diga-se por amor á verdade, tinham sido na vespera objecto de grande espanto para um amigo seu, que chegára de Caen, com o fim de tomar parte na nossa caçada de abertura.

Quando chegou ao solar, Ernesto achava-se ausente: tinha ido com o guarda florestal visitar os terrenos de caça. Mas o adventicio foi reconhecido pelo escudeiro como um amigo do amo: mandou-o entrar e esperar, emquanto elle não chegava, ao seu gabinete de trabalho, que era ao mesmo tempo bibliotheca.

O gabinete dava para o jardim por uma janella rasgada, ao centro.

De cada lado d'essa janella, havia outra de peitoril, a seis pés acima do nivel do jardim.

O recém-vindo poz-se a passear d'um para outro lado, contemplando a vista que se desfructava da janella do lado direito e passára a analysar os quadros: admirára depois da do lado esquerdo; em seguida, *Hippocrates recusando os presentes de Artaxerxes* e suspirára á vista de *Napoleão despedindo-se da sua tropa, no pateo do Castello de Fontainebleau*.

Lançára tambem um olhar distraido sobre os dous cães, deitados um ao lado do outro sob o banca do amo, immoveis como duas esphinges.

Ora, como se sentisse incommodado com uma colicasita e vendo-se absolutamente só, entendeu que não deveria constringer-se por causa de Castor e de Pollux, e déra largas a um ruído, tal como esse que tanto pejo causou á sr.^a de Rohan,

até ao momento em que o sr. de Chabot tomou a liberdade de o perfilhar.

Mas grande foi a sua estupefacção, quando a esse ruído, todavia bem moderado, os dois galgos, como que dominados por um susto inopinado, fogem cada um para seu lado, precipitam-se pelas janellas de peitoril e desaparecem como por encanto.

O hospede permaneceu por algum tempo com a perna no ar. Sabia perfeitamente que acabava de praticar uma inconveniencia, mas tambem era essa a primeira vez que encontrava cães tão susceptiveis.

Poz-se a chamal-os pelos nomes: «Castor!» «Pollux!»—mas nenhum d'elles voltava.

N'este comenos, chegára Ernesto. Tinha ouvido os berros do amigo, achára-o ainda um pouco attonito, e, depois dos cumprimentos do estylo, não pôde deixar de lhe perguntar:

— Mas que tinhas tu, quando eu cheguei?

— O que tinha?... A verdade é que se deu um caso que me causou verdadeiro assombro!

— Então que foi?

— Imagina tu que eu estava alli muito socegado da minha vida com os teus cães, eis senão quando, como se uma cobra os tivesse mordido, partem a correr, a latir, e desaparecem no jardim rapidamente, como por artes do diabo!

— Acaso terias tu?... —inquiriu Ernesto.

— Lá isso é verdade,—obtemperou o hospede—confesso-o. Estava só, não vi ninguém, a não ser os teus galgos; pensei que não seria obrigatorio observar na sua presença todas as regras de uma civilidade extremamente cortez e pueril.

— Pois ahi tens o motivo,—retorquiu Ernesto.—Mas não te dê isso cuidado, elles voltarão.—Cuidado não me dá, mas sempre tinha um certo empenho em conhecer o motivo d'uma tal susceptibilidade.

— Pois, far-te-hei a vontade: vou contar-t'o. Tenho em grande estimação esses galgos, que me foram dados por Dumas, e tanto assim que recusei cedel-os a minha mulher, que queria charmar-lhes seus, e isso com o unico fim de os affeiçãoar a a mim, tanto quanto possivel; tinha-os sempre ao pé de mim, já no meu quarto, já no meu gabinete. Mas os demonios dos cães... o que em ti é um accidente era

n'elles um habito; de tal modo que, como não escolhiam occasiões, era ou debaixo da minha banca de trabalho, ou deitados á beira do meu leito, que davam largas a essas incongruencias.

Para os curar, comprei um latego soberbo, e, quando algum d'elles fazia o que tu fizeste ha pouco, apanhava a sua conta: o barulho denunciava-me logo o culpado. Mas de que se haviam de lembrar esses patifes? Passaram a fazer baixinho o que até ahi faziam alto. Então, na impossibilidade de adivinhar qual dos dois era c ré, dava em ambos uma valente tarcia; e foi por isso que, ha pouco, quando te ouviram, não podendo acreditar que fosses tu, e, tendo um no outro pouca confiança, cada um de si para si pensou que tivesse sido o camarada...

Ora, para fugir á tosa que estavam consci-os de ter merecido, trataram de se safar, como tu viste, cheios de medo, se não de remorsos.

O Miguel, que para tudo tinha remedios, confessou-se n'este caso incompetente.

Em vista d'isto, Ernesto deliberou continuar a fazer uso do seu, visto ter já d'elle colhido tão excellentes resultados.

Tradução de ERNESTO VIANNA.

VELOCIPEDIA

Real Velo Club do Porto

É o *Real Velo Club do Porto* de que hoje damos algumas photographuras, a sociedade de *sport* mais bem montada de Portugal.

Nascido do antigo *Club de Velocipedistas* passou em 1893 por uma enorme remodelação e d'ahi para cá tem ido sempre n'um grande desenvolvimento e progresso.

Devido ao tino com que tem sido administrado, este club que de principio se acha instalado no lindo chalet da avenida do palacio de Crystal, foi alargando os ambitos e hoje possui um magnifico velodromo na cerca do palacio real, cujo terreno foi para esse fim cedido generosamente por S. M. El-Rei, e uma bella installação no palacete dos condes da Trindade, á Praça de Carlos Alberto.

No palacio de Crystal, delicioso recinto, onde os estrangeiros de visita ao Porto se extasiam pela belleza do local, admiravel de posição, deslumbrante de vegetação e paisagem, tem o *Real Velo Club* a sua installação de machinas e nos deliciosos jardins só pôdem andar em bicycletas os socios d'aquella sociedade.

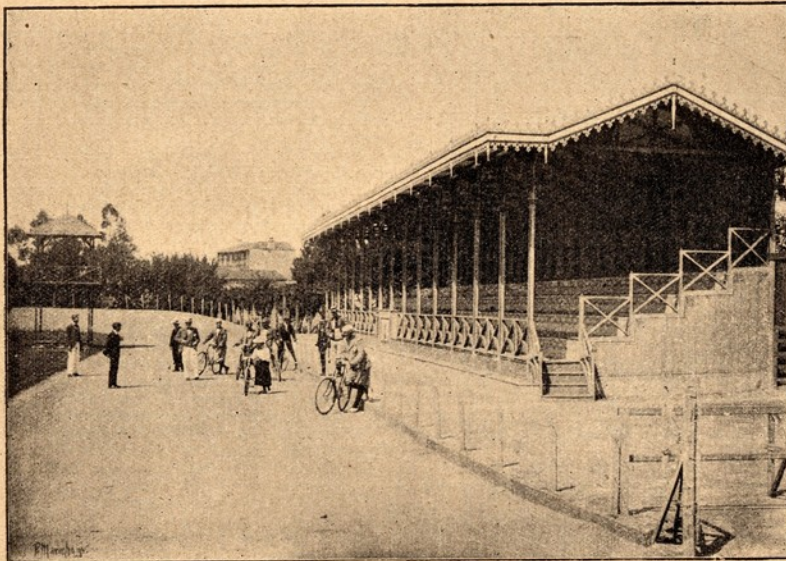
Durante a epocha de inverno o enorme salão da grande nave central é profusamente illuminada e ali fazem exercicio de patins, gymnastica, bicycleta, etc., durante a noite.

O velodromo *Maria Amelia*, construido segundo indicações trazidas do estrangeiro, não está a par da ultima palavra em construcções d'esta ordem, mas podemos afirmar que em Portugal não ha outro que possa rivalisar com elle.

Tem uma magnifica tribuna coberta que accomoda 400 pessoas e uma bancada que pode accomodar umas 500 pessoas, fóra logares para 200 a 300 peões.

A direcção pensa em reformat-o já, dando-lhe a medição de 300 metros e elevando-lhe as viragens a 45 %.

D'esta fórma o velodromo fica sendo o melhor do paiz porque tem todas as condições para isso.



Real Velo Club do Porto
Velodromo «Maria Amelia» a tribuna

Tem uma boa instalação de banhos, ambulância, e vai construir-se uma carreira de tiro ao alvo, completar o gymnasium, e crear ainda outras distrações.

Na pelouse arrelvada ha dois esplendidos courts de law-tennis e um de croquet.

Foi neste velodromo, inaugurado em março de 1894, que se deram as primeiras corridas internacionaes em Portugal em 9 de junho do mesmo anno, tomando parte nellas os nossos melhores corredores e os primeiros do paiz vizinho.

Ali vimos d'Orey, Minchin, José Bento, M. Ferreira, M. Duarte Marti e Minné, que vierão dar todo o brilho áquellas corridas que iniciaram uma era nova para o cyclismo em Portugal.

N'este mesmo anno fez Eduardo Minchin um record de 100 kilometros n'este velodromo com grandes difficuldades, pois luctou com um vento fortissimo e a falta de entraîneurs, realisando aquella distancia em 3 horas e 25 minutos.

Aqui se realisou a grande kermesse em beneficio do dispensario da rainha D. Amelia, festa que foi precedida de um concurso de bicycletas enfeitadas e grande batalha de flores em bicycleta.

Em novembro de 1896, realisou o veloceman Manuel Ferreira, um record de 100 kilometros com entraîneurs socios do Real Velo Club fazendo-o em 3 horas e 2/5 e batendo o realizado por Mindins em 1894.

Muitas corridas se teem organizado só com corredores do Porto, sendo a ultima em julho do corrente anno.

No palacete dos condes da Trindade, tem este club uma grande sala para reuniões ordinarias dos associados onde ás noutes se reúnem para conversar, um grande salão para recepções solemnes, gabinetes de leitura etc.

Pelas illustrações juntas melhor o publico poderá avaliar a importancia d'esta bella associação de sport.

E se á boa vontade dos que o dirigem podermos aliar a união dos socios, este club tem todas as disposições para ser o melhor de Portugal e um dos melhores da Peninsula e é isto o que de fundo d'alma lhe desejamos.

Porto, setembro de 1897.

A. DE LEMOS.

Sport Club

Foi magnifica a festa realisada por este club, solemnizando o seu primeiro anniversario, na pista do Jardim Zoologico.

Desde muito cedo que começaram a affuir aquelle parque, grande numero de homens e senhoras, e muitos e distinctos cyclists.

As senhoras pertencentes aos socios e suas familias, estavam em frente da meta, produzindo um bello effeito a diversidade das toilettes.

Os premios foram collocados sobre uma mesa, concluindo os preparativos ás 3 e meia horas da tarde; uma banda de infantaria, abrilhantou a festa tocando diversos trechos de musica.

O Sr. Alberto Calleya tomou a presidencia do jury que ficou constituído pela seguinte forma:

Juiz de partida, Manuel Carlos Mergulhões; juiz de chegada, Tavares da Silva; Starter, Martins Frazão; contador de voltas, Gabriel das Neves e chronometer Ernesto Camacho.

Egualmente tomou assento ao lado do jury, o nosso amigo sr. Victorino da Silva, distincto cyclist do Pará (Brazil) e actualmente em Lisboa.

As corridas eram em numero de 6, entrando na meta para a primeira (velocipedica) os srs. Luiz Saude Junior, Ernesto d'Oliveira Reis, S. N. Midões, Annibal Pinheiro Costa e Santos e Silva, que deviam dar 2 voltas á pista.

O unico premio d'esta corrida foi ganho pelo distincto cyclist sr. Ernesto d'Oliveira Reis que montava machina «Acatene».

Recebeu uma fita de seda branca offerta da ex.^{ma} sr.^a D. Ernestina Carvalho.

Na segunda corrida (pedestre) que era de 8 Voltas, entraram os srs. Augusto Freitas, Carlos Vieira d'Almeida, Albano dos Santos e Amaro de Barros.

Depois d'uma brilhante lucta entre todos os corredores entrou na meta o notavel corredor pedestre Augusto Freitas, que ganhou a valiosa fita oferecida pela ex.^{ma} sr.^a D. Virginia Delaunay, que era um primor de trabalho.

Em segundo logar chegou Carlos Vieira d'Almeida. Teve como premio uma argola de prata. O terceiro premio não chegou a ser entregue por ter havido empate entre Albano dos Santos e Amaro de Barros.

Tendo o jury resolvido que n'uma volta mais os 2 corredores disputassem o premio, não foi por elles accete esta resolução.

Esta corrida foi uma das mais entusiasticas e das mais disputadas.

A terceira corrida (velocipedica) era de 4 voltas, tendo corrido os srs. Anuibal Pinheiro Costa Luiz Saude Junior, Midões, S. N. e Santos Silva.

Coube o primeiro premio ao sr. Annibal Pinheiro Costa que montava a machina «Columbia» o segundo ao sr. Saude Junior tambem em «Columbia» e o terceiro A. Midões em «Columbia».

O primeiro premio consistia n'uma bella fita bordada pela ex.^{ma} sr.^a D. Francisca Santos, e o segundo n'uma carteira de chagrin, offerta do sr. François Estrade.

A quarta corrida (pedestre) foi disputada pelos srs. Bentes, Spinola, Moreira, Lopes, Santos e Midões.

Ganhou o primeiro premio o sr. Bentes e o segundo, Spinola.

Seguiu-se a 5.^a corrida (velocidade 90 metros) cujo unico premio foi ganho pelo sr. Afonso Ortiz Urbino que recebeu uma bonita phosphoreira.

A sexta corrida d'honra (velocipedica), foi disputada pelos srs. Augusto de Freitas, Luiz Saude Junior, Annibal Pinheiro Costa, Ernesto de Oliveira Reis, Julio Delaunay e Midões.

O sr. Augusto de Freitas ganhou o unico premio que era o emblema do S. C. em vermeill; montava uma machina Wackley.

Seguiu-se o football; depois de se terem marcado alguns goals de um lado e de outro, foram por nós convidadas algumas das gentis senhoras para fazerem a entrega dos premios, do que se desempenharam com a gentileza propria do seu sexo.

Os vencedores foram todos alvo de prolongadas salvas de palmas.

O nosso collega do Tempo o sr. Alberto Calleya e nós fizemos uso da palavra a proposito da festa e dos applausos a todas as collectividades de sport que a abrilhantaram.

Terminada a primeira parte da festa, sem incidente algum desagradavel, concluiu esta com o jantar, que se realisou ás oito horas da noite no restaurant Faustino, na Estephania, tomando parte 15 socios do Sport Club e o nosso distincto collega o sr. A. Calleya.

Os socios estavam todos com as suas camizolas de corridas, pretas, com uma fita amarella de seda em volta, o que dava á meza um aspecto verdadeiramente original.

Ao toast tivemos a honra de levantar o primeiro brinde, em nome do Sport Club a todos os que tomaram parte nas corridas.

O segundo brinde foi do nosso collega A. Calleya que n'um improviso saudou o grande corredor Augusto de Freitas, e felicitou o Sport Club na pessoa do seu presidente, fazendo votos para que taes festas se repitam sempre com o mesmo brilhantismo e a mesma alegria.

Seguiram-se muitos outros á União Velocipedica Francaza, representada no jantar pelo seu consul em Lisboa, sr. Santos Silva, Real Club Velocipedista, Velo Club, Real Gymnasio Club, El Veloz Sport de Madrid, na pessoa do seu correspondente, a Baptista da Silva, Grupo Academico Football, a Alberto Calleya, á imprensa em geral e em especial ao Tempo e Tiro Civil, etc.

Em nome da imprensa agradeceu o nosso collega A. Calleya.

O Gremio Estephania felicitou o Sport Club, respondendo-lhe Santos Silva e Saude Junior.

Fechou a serie de brindes, Alberto Calleya, com um brinde ás senhoras portuguezas.

A festa terminou no meio de grande entusiasmo, e como todas as festas do nosso sport, cheia de vivo interesse pelos progressos d'este; emfim o sport velocipedico faz honra ao seu paiz.

Um bravo a todos os que concorreram e se esforçaram para o bom exito d'esta commemoração.

Pela nossa parte agradecemos os brindes e convites que tão amavelmente nos foram dirigidos.

SAUDE JUNIOR.

Columbia Club

ESTE bello e prospero Club realisa no domingo 10 do corrente grandes corridas de bicycletas, no grandioso parque do Campo Grande, que estão já despertando verdadeiro entusiasmo entre os nossos mais distinctos cyclists.

Nas corridas só poderão tomar parte machinas Columbia e Hartford.

Os premios são valiosissimos, contando já os directores do Columbia Club com uma enorme medalha de ouro, um relógio e um lindo anel.

As corridas de fitas devem ser deslumbrantes, pois as fitas são lindissimas e como até hoje não tinhamos ainda visto.

A maioria das fitas são bordadas a ouro e outras com lindas e elegantes aquarellas.

Tudo faz prever que será uma magnifica festa de sport, que chamará enorme concorrencia ao parque do Campo Grande, onde sempre se reúne a nossa primeira sociedade.

O nosso collega do Tempo Alberto Carlos Calleya, foi nomeado representante em Lisboa da revista velocipedica El Veloz Sport de Madrid.

Felicitamos esta magifica revista pela accettata escolha, pois Carlos Calleya é um dos nossos mais distinctos sportsmen.

O Velo Club de Lisboa solemnisna brevemente o seu anniversario, com um grandioso sarau, seguido de baile.

Brevemente daremos noticia mais desenvolvida sobre esta festa, que por todos os motivos deve ser esplendida, pois o Velo Club capricha em promover as festivas onde se reúne tudo quanto ha de mais distincto na nossa sociedade.

NAUTICA

Centenario da India

No dia 14 de setembro findo reuniu a Commissão das regatas, estiveram presentes á sessão os srs. Almirante Sampaio, Ernesto de Vasconcellos, Perestrello, Carlos Duff, Virgilio Marques da Costa, Generoso etc.

Ao abrir-se a sessão foi proposto e lançado na acta um voto de sentimento pela morte do sr. Guilherme de Moura Lane; em seguida foi approvedo o plano definitivo para as corridas internacionaes e nacionaes, que se realisarão nos primeiros dias de maio do proximo futuro anno, como fazendo parte dos festejos da celebração do centenario da descoberta do caminho maritimo para a India, corridas que prometem ser dignas do facto que se solemnisna.

PROGRAMMA

Corridas para bons fide Recers

4.^a corrida, de Lisboa a Sines, ir e voltar.— Barcos excedendo 60 L. R. para cima.

1.^o premio — Taça commemorativa do centenario; em dinheiro, 200 libras; medalha de ouro.

2.^o premio — Correndo 4 barcos ou mais, 100 libras em dinheiro; medalha de prata.

Nota — A taça ficará na posse do club a que pertencer o barco vencedor, para constituir um premio internacional perpetuo, não podendo nunca de futuro ser disputada por barcos de uma só nacionalidade.

2.^a corrida, barcos de 50 L. R. até 60. — Lisboa á lagôa de Albufeira, 30 milhas.

1.^o premio — 100 libras e medalha de ouro.

2.^o premio — 50 libras e medalha de prata.

(Correndo cinco ou mais.)

Corrida de Cruysar

1.^a corrida — Handicap para barcos de qualquer tamanho acima de 20 toneladas, antiga medição (Y. M.) — Percurso de Lisboa á lagôa de Albufeira, 30 milhas.— Objecto de arte, 50 libras em dinheiro e medalha de ouro.

2.^a corrida — Handicap para barcos acima de 5 toneladas até 20 percuro 20 milhas dentro do rio. Premio, 30 libras e medalha de prata.

3.^a corrida — Handicap para barcos acima de 5 toneladas, percuro 10 milhas, dentro do rio. — Premio 20 libras, e medalha de prata.

Regata nacional

Barcos de typo portuguez: — 1.^a corrida, cahiques. Percurso, Lisboa á Lagôa de Albufeira. Premio réis 350000, correndo cinco ou mais barcos.

2.^a corrida, canoas da Picada; percurso, Lisboa á Lagôa d'Albufeira. Premio réis 350\$000, correndo cinco ou mais barcos.

Corrida internacional a remos

Percurso, meia milha. Regulamento Henley. - Skiff, medalha de ouro.
Outriggers, 4 remos, medalha de ouro.
Guigas, 6 remadores de 1.^a classe, medalha de ouro; 2.^a classe, 6 remadores, medalha de vermeil; 1.^a classe, 4 remos, medalhas de ouro, 2.^a classe, 4 remos, medalha de prata.
Corrida de remos entre tripulantes de navios de guerra nacionaes e estrangeiros. Premios, medalhas de cobre para os tripulantes e 60 libras truidas por 4 premios e 4 medalhas de ouro officiaes que designem a embarcação vencedora.

REAL ASSOCIAÇÃO NAVAL

Regata em Cascaes em 3 de outubro de 1897

COMMODORE EFFECTIVO

S. M. EL-REI D. CARLOS I

VICE-COMMODORE EFFECTIVO

S. A. O INFANTE D. AFFONSO

CONTRA-COMMODORE EFFECTIVO

H. E. MOSER

Corridas por abonos de tabella

Barcos latinos e bastardos registrados na *Real Associação Naval* ou n'outro qualquer Yacht Club Portuguez.

1.^a — Barcos de 60 e mais tonnelladas, distancia 20 milhas, premio offerecido por S. M. El-Rei o Senhor D. Carlos I.

2.^a — Barcos de coberta de 20 até 60 tonnelladas, distancia 20 milhas, premio offerecido por banhistas de Cascaes.

3.^a — Barcos de coberta de 5 até 20 tonnelladas, distancia 10 milhas, premio offerecido pela commissão de Regatas e Direcção.

4.^a — Barcos de bocca aberta, meia coberta ou coberta de 2,5 a 5 tonnelladas, distancia 5 milhas, premio offerecido pelo ex.^{mo} sr. Conde da Pehna Longa.

5.^a — Barcos de bocca aberta, meia coberta ou coberta até 2,5 tonnelladas, distancia 5 milhas, premio offerecido pelo ex.^{mo} socio o sr. José Libanio Ribeiro da Silva.

Premio do timoneiro. — O socio da *Real Associação Naval* que governar o barco vencedor em qualquer classe, receberá a medalha de prata.

Barcos não registrados na associação

1.^a — Canoas da Picada, distancia 20 milhas, premio offerecido pelo Ministerio da Marinha 120\$000 réis, correndo pelo menos 3 barcos.

2.^a — Catriaos com vela de espicha, distancia 10 milhas, premio offerecido pela camara municipal de Cascaes = 25\$000 réis, correndo 5 ou mais, haverá segundo premio = 15\$000 réis.

Corridas de remos

Distancia uma milha.

1.^a — Skiffs, medalha vermeil, offerecida pela *Associação Naval*.

2.^a — Outriggers de 4 remos, medalha de vermeil, offerecida pela *Associação Naval*.

3.^a — Guigas de 6 remos de 1.^a classe, objecto de arte.

4.^a — Guigas de 6 remos 2.^a classe, medalha de vermeil, offerecida pela *Associação Naval*.

5.^a — Guigas de 4 remos 1.^a classe, medalha de vermeil, offerecida pela *Associação Naval*.

6.^a — Guigas de 4 remos 2.^a classe, medalha de prata, offerecida pela *Associação Naval*.

7.^a — Escaleres dos yachts da associação, premio, medalha de prata, offerecida pela *Associação Naval*.

Corrida de remos de escaleres tripulados por marinheiros da armada, premio, 15\$000 réis.

Desafios ou apostas particulares

A commissão de regatas promptifica-se a fiscalisar qualquer desafio ou aposta entre embarcações de qualquer lote ou armação que quiram correr na occasião da regata da associação.

Não se admite corrida sem competidor.

A inscrição de todos os barcos para a regata, não omitindo os dos desafios, far-se-ha na *Real Associação Naval*, das 8 ás 10 horas da noite, de 25 a 29 de setembro.

Barcos registrados n'oum outro club deverão apresentar o certificado de registo e tonelagem, na occasião da inscrição.

Séde da associação — Rua do Alecrim, 38, 1.^o

Regata em Paço d'Arcos

No domingo 26 de setembro realiso-se uma regata em Paço d'Arcos, promovida por uma commissão de banhistas d'aquella localidade.

O entusiasmo e a concorrência fez lembrar o bom tempo d'outras regatas promovidas pela *Real Associação Naval* e pelo *Real Club Naval*, que pena é não se repetirem hoje como então, e que com toda a certeza faria com que augmentasse o numero dos *sportsmen* d'estas belas e hygienicas festas em cima das aguas, cheias dos maiores attractivos e emoções do que as feitas em terra.

Muito era para desejar que as duas associações citadas, promovessem todos os annos duas regatas officiaes em que se batesses os *sportsmen* dos dois clubs e que intervissem em todos as pequenas regatas que se fizessem, a fim de lhes dar disciplina e brilho, pois com isso, repetimos, muito ganhava o nosso *sport* nautico.

Estava annuciado para as 11 horas da manhã o começo da festa, a essa hora achavam-se alli os seguintes barcos de recreio: *Estrella, Adèle, Ema, Furia, Sophia, Cisne, Vae, Luciano, Otello, Corina, Tira-Teimas, Hortense, Aldebran, Liz, Estrella, Maria Luiza, Laura, Nina, Orion, Relampago, Margarida, Maria das Dôres e Maria Augusta*.

A primeira corrida teve logar á 1 hora, porque, apesar da boa vontade da commissão promotora, não foi possivel começar ás 11 horas como estava annuciado, sendo tambem alterado o programma. As corridas seguiram pela seguinte ordem:

1.^a corrida. — Escaleres de 4 remos em que tomaram parte. O *Tira-Teimas* tripulado pelos srs. Alvaro Gaio, timoneiro; Octavio Araujo, voga, e José Reis, José Vasconcellos e Nuno Vasconcellos. *Hortense*, tripulado pelos srs. Mario Allen, timoneiro; Ayala dos Prazeres, voga, e Arthur Cohen, Alvaro Poppe e Januario Soares Ferreira Barbosa.

Ganhou a *Hortense*.

2.^a corrida. — Guigas de 4 remos de classe. Tomaram parte *Aldebran*, tripulada por socios da *Real Associação Naval*; *Liz* do *Real Club Naval*, tripulada pelos srs. Manuel Costa Vasques, timoneiro; A. Guimenez, voga, e I. Levy, J. Lucena e T. Wiese.

Ganhou a *Liz*. A tripulação foi muito victoriada á chegada á meta.

D'aqui enviamos sinceros parabens aos remadores que mais uma vez souberam defender a bandeira do *Real Club Naval de Lisboa*.

3.^a corrida. — Escaleres de 2 remos. Tomaram parte: *Estrella*, tripulado pelos srs. Armando Lupi, timoneiro; Roberto Ivens, voga e José Araujo; *Maria Luiza*, tripulado pelos srs. Gustavo Gaia, timoneiro; José Vasconcellos, voga e Luiz Pinto d'Oliveira.

Ganhou a *Estrella*.

4.^a corrida. — Regata das senhoras.

Tomaram parte n'esta interessantissima corrida 3 escaleres de 2 remos, tripulados por senhoras.

Maria Luiza: tripulado pelas ex.^{mas} sr.^{as} D. Pilar Sergio de Sousa e D. Amelia Sauvinet, servindo de timoneiro o sr. Gustavo Gaia.

Laura: tripulado pelas ex.^{mas} sr.^{as} D. Leopoldina Cordeiro e Bertha Botto, servindo de timoneiro o sr. Mario Allen.

Nina: tripulado pelas ex.^{mas} sr.^{as} D. Aida Perry Vidal e D. Octavia Perry Vidal, servindo de timoneiro o sr. Alvaro Gaia.

As gentis remadoras trajavam á marinheira, azul e branco, *boinas* azues.

Como era natural foi esta *corrida* que mais entusiasmo causou; a destreza das formozas tripulantes era notada, como a certeza e energia das remadas eram muito superiores ao que havia a esperar de tão delicadas remadoras.

Foi o *Nina* que chegou em primeiro logar, seguindo-se-lhe o *Laura* e o *Maria Luiza*.

Esta *corrida* foi saudada, tanto de terra como de bordo de todas as embarcações, com verdadeiro e delirante enthusiasmo.

5.^a corrida. — Correram as guigas *Orion* e *Relampago*. Ganhou a segunda. Esta *corrida*, que foi das mais disputadas, era de volta; mas a pedido da tripulação do *Orion*, fez-se a direito.

6.^a corrida. — Escaleres a 2 remos: *Margarida* e *Maria das Dôres*. Venceu o primeiro.

7.^a corrida. — Escaleres com 1 remador: *Maria Luiza* e *Estrella*. Ganhou esta e desistiu a *Laura*.

8.^a corrida. — Escaleres a 2 remos, com premio offerecido pela commissão da *kermesse* de S. João do Estoril: *Maria Dôres* e *Maria Luiza*. Ganhou a primeira.

N'esta *corrida* houve protesto, por substituição de remadores, desistindo por esse motivo a *Maria Augusta*, que estava inscripta.

Em geral pode-se dizer que reinou sempre

muito enthusiasmo entre todos os amadores d'este bello *sport*.

A falta de vento impossibilitou de ter logar a corrida de barcos de vela.

Não faltou o popular mastro de *cognac*, sendo o banhista José Lopes quem ganhou o primeiro premio.

O jury era composto pela seguinte forma: de largada e chegada: Sergio de Sousa, Botto, Sauvinet e Antonio Machado, a bordo do pontão. O jury da fiscalisação, de que faziam parte Mascarenhas, Julio e Alfredo Vianna, estava a bordo do *Trafaria*, posto á disposição da commissão da regata pelo sr. ministro da marinha.

Os premios aos vencedores foram distribuidos ás 9 horas da noite no *Casino*, no meio d'uma numerosa e seleta concorrência.

Receberam medalhas: D. Aida e D. Octavia Perry Vidal, como remadoras; como timoneiros, Mario Allen, M. Vasques, Armando Lupi, Virgilio Costa, Poppe e Alvaro Gaia; com tripulantes: Ayala, Cohen, Barbosa, Poppe, Guimenez, Levy, Lucena, Wiese, Ivens, Araujo, Allen, Fuschini, Campos Reis e Vasconcellos.

Foram levantados muitos vivas ás vencedoras e vencidas, aos vencedores, á commissão promotora da regata, á *Real Associação Naval* e ao *Real Club Naval*.

Regata em Cacilhas

No mesmo dia 26, realiso-se em Cacilhas, a regata que estava annuciada e que era promovida pelos maritimos d'aquella local e pela *Associação dos Catriaios de Lisboa*.

A commissão directora da regata era composta dos srs. Jeronymo Rodrigues Durão, José da Cruz, José Durão e Arsenio Alves.

1.^a corrida. — Começou ao meio dia e meia hora; correndo só um bote por não ter quem so quizesse bater com elle.

O bote percorreu a distancia de 600 metros em 10 minutos, ganhando o premio offerecido pela commissão e que eram de 3\$000 réis. A tripulação era: srs. Marcos, timoneiro e Dias, Alberto, Manuel Ralhinho e Joaquim Fataça, remadores.

2.^a corrida. — Botes de vela de 1.^a classe (bastardos) de Cacilhas; botes *Amor da Patria* e *Gallo*; timoneiros Jeronymo Durão e José Luiz.

3.^a corrida. — Botes de 2.^a classe, tambem de Cacilhas, *Favorita*, *Elisa* e *Albertina*; timoneiros, Manuel Gregorio, Luiz Pinheiro e Antonio Gomes da Rocha.

4.^a corrida. — Botes de Lisboa, (de vela á espicha) 1.^a classe; botes *Surpreza* e *Alice*; timoneiros, Marcos Manuel e Salvador.

5.^a corrida. — Botes de 2.^a classe, 1.^o de *maio* e *Allair*; timoneiros, Olympio e José Tavares.

6.^a corrida. — Botes de 2.^a classe *Sempre se Fez e Victor*; timoneiros, José Antonio e Joaquim Octavio.

7.^a corrida. — Botes *Camponesa* e *India*; timoneiros, Antonio Arsenio e Bernardo Santos.

As corridas de vela não se poderam concluir por isso que tendo faltado o vento, os botes não poderam voltar a Cacilhas, a não ser na enchente da maré o que mettia pela noute dentro. O vapor *Guiné* do arsenal de marinha em serviço da capitania do porto foi a pedido da commissão em procura dos botes verificando que não podiam concluir a *corrida*, em vista do que foi ao caes de Cacilhas voltando a Lisboa com os membros da imprensa, que tinham ido assistir á regata, ficando a *corrida* de vela transcrita para o dia 10 do corrente.

Serviam de balizas as fragatas *Fé* e *Maria José* do nosso amigo e estimado assignante o sr. José d'Oliveira Possante, que obsequiosamente as tinha offerecido para esse fim.

E' digna de louvor a commissão organisadora d'esta festa maritima, pelos esforços empregados para o bom exito d'ella.

Penna é que tão raras sejam estes certamens que tão bons resultados dão, provando a pericia dos nossos barqueiros, adestrando outros e chamando o nosso publico a tomar interesses por elles; possuimos um magnifico rio, inveja d'outros paizes, deviamos promover muitas d'estas festas, em que todos lucrariam, para isso desejavamos que ellas despertassem o interesse da nossa marinha tanto de guerra como mercante.

Infelizmente não parece que somos um povo maritimo, nem parecemos descendentes dos grandes navegadores que encheram e assombraram o mundo com as suas descobertas.

Se a grande maioria dos habitantes de Lisboa tem medo de embarcar, e a maior parte da população nunca foi á Outra Banda, só porque tem de atravessar o formoso Tejo, e podemos afirmativamente dizer que existem em Lisboa dezenas de milhares de pessoas que era mais facil mata-os á fome que fazel-os irem jantar no outro lado do rio.

CHEGOU no domingo de tarde de Cadiz a bordo da sua canôa *Atilla* o nosso amigo o sr. João Carraça.

O nosso amigo vem entusiasmado pela maneira gentil como foi recebido pelos nossos vizinhos hespanhoes tanto em Hullon como Cadiz.

E' este o quarto *yacht* registado no *Real Club Naval de Lisboa* que emprehende esta viagem: n'estes dois annos.

REUNE na sexta feira 1 d'outubro a commissão executiva das regatas do 4.º centenario da India, a fim de tratar d'assumptos relativos á mesma regata.

A commissão acha-se definitivamente constituída dos seguintes senhores:

Presidente, conselheiro Nascimento Sampaio; vice-presidente, contra-almirante, Cardoso Carvalho.

1.º secretario, C. Duff; 2.º secretario, J. Prestrello.

Vogaes, A. Generoso, Hugo O'Neill e Virgilio Costa.

ZERO.

TAUROMACHIA

Revista quinzenal

JOÃO da Cruz Calabaça, o velho artista portuguez, que depois do decrepito Sancho mais sympathias tem entre o publico, realçou a sua festa no Campo Pequeno em 19 do corrente com touros da antiga *ganaderia* do conde de Sobral, hoje propriedade do sr. Antonio Santos.

Os touros não foram maus mas também não foram bons, porque, se tinham corporencia e poder, bastantes tinham também umas intenções pessimas que fizeram intimidar os lidadores, dos quaes só se salientaram pondo bandarilhas João Calabaça, *Pescadero*, Raphael, Torres Branco e *Pescaderito*.

Os cavalleiros que eram Fernando d'Oliveira e João Marcellino d'Azevedo *rejonearam* a contento, sobreshindo Azevedo a quem couberam os dois touros melhores.

Os pegadores e o Botas, portaram-se á altura d'um tal Esteban Diaz que se apresentou para parodiá o *sallo de Martincho e Jaripeo* á mexicana.

Da primeira sorte livrou-se bem ficando quite com uns rebolões até á barreira, mas da segunda é que não deixou de ser afocinhado pelo touro que ao sentir o homemsinho sobre o lombo derrubou-o n'um prompto.

Depois d'isto parece-nos rasoavel a exhibição do *Pae Paulino*, na arena do Campo Pequeno...

A 26 a Sociedade Recreativa Tauromachia celebrou no Campo Pequeno uma apparatusada corrida de 8 garraios e 4 touros pertencentes ao *ganadero* de Vendas Novas sr. Francisco Canas da Silva Victorino.

Os bichos, que sahiram bravos, deram pancadaria brava, e se mais mal não fizeram aos lidadores foi porque elles não se chegaram.

Havia medalhas de ouro e prata para os amadores que se salientaram na lide, cabendo uma de ouro ao cavalleiro Victor Marques, outra de prata, ao sr. Lopes de Macedo, e as seguintes, do mesmo metal, aos bandarilheiros Augusto Soeiro, e Francisco Luz.

Como sobrasse uma medalha e nenhum dos bandarilheiros restantes a merecesse, foi a mesma dada ao cabo de forçados, sr. Leopoldo Finzi, que pegou o primeiro touro corrido, sem o auxilio dos seus camaradas.

Esta quinzena foi má para as corridas na nossa primeira praça e isso sente muito o

E. D' A.

Africa taurina

DEVIA ter-se dado no dia 5 do actual em Lourenço Marques, uma corrida de touros, promovida pela Camara Municipal d'aquella cidade em honra do valente Mousinho.

Os bandarilheiros que tomavam parte na corrida eram todos inexperientes, excepto dois de nomes João Ferreira e Manoel José d'Araujo Souza. Este ultimo é já bem conhecido em Lisboa e proximidades como toureiro-amador, dos de mais valentia e arrojo.

Opportunamente daremos noticia promenorizada das touradas que se forem dando n'aquella nossa possessão africana.

Brazil taurino

NO dia 5 do actual celebrou-se na praça do Rio de Janeiro o beneficio do cavalleiro José Bento d'Araujo.

A corrida foi boa tendo o beneficiado muitos presentes dos *aficionados*, mas infelizmente houve duas desgraças: os bandarilheiros *Chicorrito* e *Morenito* foram inutilizados, ficando o primeiro com a perna direita fracturada, e o segundo com duas costellas partidas.

Não nos admira que isso succeda pois, como se sabe, estando já toureados todos os touros que José Bento e Tinoco levaram de Lisboa, não podem os toureiros a pé confiar-se sem perigo de lhes succeder algum desastre igual ou parecido aos já havidos.

De todos os peões que ali se encontram o unico que ainda não foi colhido foi Sebastian Silvan *Chispa*, mercê das suas poderosas faculdades e profundo conhecimento das rezes picadas, a par d'uma valentia e arrojo inaudito.

Nova praça de touros

EM Vianna do Castello, trata-se de construir uma praça de touros por meio de uma emissão de 1.200 acções de 10.000 réis.

A collocação das acções tem sido facil, attento o entusiasmo que tem havido, para que tal melhoramento seja levado a effecto, achando-se já subscripto uma parte do capital.

A nova praça deve começar a funcionar no proximo anno.

FOOTBALL

Jogo de Back e Half-back

(Continuado do numero n.º 123)

OS deveres dos *full* e dos *half-backs* são de duas especies: a **combinação** e o **esforço individual**.

Combinação.—E' absolutamente necessario que haja entre os *full* e os *half-backs* um perfeito entendimento, inteira confiança e sympathia intuitiva, bem que essa combinação não deva ser levada ao excesso, o que sempre traz mau resultado. O appaio nunca deve degenerar em intervenção no jogo dos outros nem na combinação; e entre jogadores de quasi igual experiencia, o *half-back* deve ser guiado pelo *full-back* que pela posição que occupa está mais no caso de poder observar e perceber a marcha geral do jogo. Com o tempo e com a pratica, nem o pedido nem uma palavra d'avisão são precisos, senão poucas vezes, porque a combinação torna-se o resultado natural das phases do jogo. Nada diremos com respeito a qualquer *systhema* de combinação, porque é duvidoso dizer se um plano de operações serias é de vantagem ao amator, o qual geralmente não se dá ao trabalho de acceptar uma ideia. O bom senso, golpe de vista e sobre tudo uma constante pratica dos jogadores entre si determina sufficientemente quando é preciso a cooperação ou jogo individual. E' preciso porém tornar bem claro quando é que o *half-back* se deve encontrar completamente a um dos lados extremos do campo, e quando o *full-back*: isto é, escusado é dizel-o, um ponto importantissimo, pois se ambos foram para o lado extremo ficará o *goal* muito exposto. E, parece-nos, opinião geral que em qualquer dos easos, quando o *half* ou *full-back* trata de atacar um jogador opposto que a um dos lados extremos tratar de levar a bola, ser melhor que quem faça o ataque seja o *full-back*, deixando o *half-back* defender o *goal*.

(Continúa)

VALENTIM MACHADO.

DIVERSAS

Educação Nacional

DESTE magnifico e nosso estimado collega recebemos um largo appello *A' Imprensa Portuguesa*, a proposito de analfabetismo em Portugal, em que de 5 milhões de habitantes, 4 milhões são *analfabetos!*

Applaudimos a campanha que o nosso collega vai encetar, assim ella seja attendida por que tem obrigação de o ser, por nossa parte ajudaremos como podermos, por isso que somos declarados partidarios e propagandistas de educação physica a par da educação intellectual.

Diz a exhibição:

A extinção do analfabetismo representado por quatro milhões de ignorantes, se não fosse uma questão de honra, para não nos considerarem abaixo da Turquia, bastava ser uma necessidade social para preoccupar todos os espiritos e merecer a attenção de todos os governos.

Fizeram este notavel documento os srs.:

Dr. Bernardino Machado, José Simões Dias, Albino Coelho, Arthur de Seabra, J. C. de Carvalho Saavedra, Antonio Justino Ferreira, José Pereira Dias, P.º Antonio Gomes da Silva, Antonio Figueirinhas e Thomaz d'Oliveira.

Revista Portugueza Colonial e Maritima

DISTRIBUIU-SE o prospecto d'esta nova publicação illustrada, que promete ser interessantissima sob todos os pontos de vista.

A commissão de redacção é composta dos srs. Ernesto J. de C. e Vasconcellos, Jeronymo da Camara Manoel e João F. Marques Pereira.

A redacção e a administração é na livraria *Ferin*.

Revista de Guimarães

RECEBEMOS e agradecemos os n.ºs 2 e 3, abril e julho de 1897, volume XIV, d'esta interessante publicação, feita pela *Sociedade Martins Sarmiento*, de Guimarães. Summario: *O Convento de S. Marcos; Catalogo das moedas e medalhas portuguezas; memorias de Bustello; Boletins; Balançetes.*

As nossas gravuras

Real Velo Club do Porto

Em artigo especial nos referimos a estas gravuras.

Ernesto Vianna

Na secção de caça nos referimos a este nosso estimado amigo, collaborador e assignante.

Emilio Segurado

Inserimos hoje o retrato d'este sympathico e distincto cyclista, um dos que mais se tem evidenciado pelo *sport* velocipedico.

Emilio Segurado, foi um dos principaes fundadores do *Velo Club de Lisboa*, que ainda hoje o conta no numero dos seus inscansaveis socios e onde occupa o logar de *Guia* do club, cargo difficil, mas que é desempenhado com a maior dedicação.

Emilio Segurado tem tomado parte em varias corridas velocipedicas no Velodromo de D. Carlos, e no Parque do Campo, em Lisboa, nos velodromos do Porto e Alemtejo, tendo sahido vencedor n'essas corridas ostentando ao seu peito numerosas medalhas, recompensa merecida e justa dos seus valiosos trabalhos prestados ao cyclismo.

Editor responsavel—Manuel Augusto Pinto

A LIBERAL—Officina typographica